

Bruno Bettelheim 1903

A PSICANÁLISE DOS CONTOS DE FADA

Tradução de Arlene Caetano, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980

Resenhado por Emir Tomazelli*

* Psicanalista e
Professor do
Depto. Formação
em Psicanálise.

Não faz jus ao belíssimo texto de Bettelheim o nome dado ao seu livro em português. O nome correto, se tivesse sido traduzido de modo simples em nossa própria língua, em uma tradução espontânea, talvez pudesse ser: *“Os usos do encantamento - O significado e a importância dos contos de fada”, e, eu acrescentaria, uma visão psicanalítica de Bruno Bettelheim sobre esse objeto que são as narrativas, as fadas e o encantamento produzido por elas através das fábulas contadas*”.

A visão que o texto carrega e contempla, é, indubitavelmente psicanalítica e trabalha com todo arsenal teórico de que essa mesma teoria - a psicanalítica - dispõe. O aspecto que me pareceu insuperável, isto é, mais surpreendente e encantador desse trabalho foi, no entanto, a forma como Bettelheim alinhavou as coisas, e sua saborosa maneira de narrar, que muitas vezes evoca a própria atividade fabulativa no que concerne ao homem que conta histórias e, a clareza ao “recontá-las”, já, interpretando-as.

Excelente narrador e escritor, Bettelheim, nos conduz, sutilmente através de suas montagens psicanalíticas - seus recortes, sua atenta leitura do mundo encantado envolto em uma nova tecelagem - transporta-nos à dimensão onírica do trabalho psicanalítico. O espaço torna-se literário, na cadência da “associação livre” e, em sua força investigativa, leva-nos ao mundo do “faz-de-conta”, da ilusão

explicativa, da intensa e extravagante tentativa de buscar significados para a cura do homem contemporâneo... Isto cria um bom efeito de coerência que ajuda a crença de quem lê na importância de uma teoria científica aplicada a um mundo tão sutil como o das fadas, dos contos e do encantamento.

Aqui eu gostaria de fazer uma nota, um comentário marginal que por um instante fala como se eu pensasse em oposição a Bruno Bettelheim, mas enfim acho que mesmo assim vale a pena:

da minha parte é necessário comentar meu temor pelo sutil do mundo do conto encantador (apesar de gostar muito desse tipo de texto); mas, em particular no que se refere às experiências narradas, eu prefiro observar o ser que ali se manifesta e não intervir; não abordá-lo. Não creio que seja possível abordar e "revelar" objetos como sonhos, contos de fada, mitos, lenda, fábulas. Julgo as histórias - principalmente essas que perambulam na mente do mundo e vão sendo transmitidas de boca em boca, de ouvido em ouvido - julgo-as como sendo verdadeiros objetos; seres de confecção perfeita, objetos acabados em "si-mesmos", objetos completos e que evocam imagens de deuses, que evocam a produção artesanal de pequenos ídolos. A meu ver, esses quase seres, não podem ser invadidos, não podem ser investigados nem, tampouco, conhecidos no sentido de interpretados, uma vez que sentem-se violados. Qualquer coisa que pretenda abri-los - entrar dentro deles - será menos que eles, primeiro, por ter que construí-los, segundo, por ter que sustentá-los. Mas desafortunadamente, esses quase seres dependem de modo absoluto dessa invasão para adquirir existência. Essa feminilidade própria ao conto fabuloso intriga-me e, ao mesmo tempo, inquieta-me.

Voltando ao fio de meu pensamento, um outro bom ponto para salientar é o que brota da pulsação do próprio texto, de seu fluxo de raciocínio, isto é, no texto há **uma proposta pedagógica**, uma proposta de ensino, uma proposta de educação pela fábula. Encantadora e excitante é a proposta de Bettelheim, educar pela fábula, falar pelo meandro, pela metáfora, pela meia verdade e pelo mais absoluto exagero de imagens e ilusões até fazer com que os conteúdos referentes ao organismo vivo do homem possam ser absorvidos e imaginados.

No entanto, a psicanálise não dá conta do mundo da fábula, não o explica, apenas nutre-se dele. Vivendo do sonho, embargada nele, nada sabe sobre ele, não pode penetrar-lhe. Então perguntamos: o que faz a fábula, então, senão proporcionar ao psicanalista mais uma

forma de sonhar, de poder resvalar no sonho de uma coletividade através do embalo promovido pela narrativa?

Assim a sexualidade necessita do sonho. Assim, afirma o texto, a sexualidade precisa de mediadores. De nossa parte observamos que a sexualidade continua sendo um fenômeno relativamente estranho ao homem, apresenta-se como um elemento de fascinação e surpresa, ao mesmo tempo que de incômodo e entranheza. Da mais radical euforia, à mais absoluta melancolia, o corpo (e suas manifestações) sempre deve estar acolhido e pensado em um espaço de cantos, de sons, de imagens, cercado de mediadores onde as funções mais banais — como as reprodutivas, por exemplo — tornam-se objeto das mais complexas operações defensivas e fantasiosas que as fábulas — como suporte — podem revelar e, ao mesmo tempo, servirem como apoio para que se possa fazer uma experiência de observação e consagração cultural.

É certo, a fábula em tudo facilita a organização do louco movimento da pulsão. Dando-lhe um continente, a força da narrativa dá forma e deforma a brutalidade das exigências primárias do psiquismo. A narrativa, o encantamento, a produção de uma 'estória' seguindo esse caminho, é então uma dádiva organizadora que só vem enriquecer o campo da mente e da experiência emocional a ela ligada.

É evidente aí uma proposta pedagógica, que vê na construção alegórica do mundo a força contensiva da violência que a pulsão solta teria. Para Bettelheim, os contos fabulosos têm um marcado poder integrador que, ao mesmo tempo que sustentam a mente de uma explosão significativa, dão-lhe um contorno narcísico que captura o sujeito tornando-o o herói que é o protagonista de cada 'estória', e que cumprirá todo tipo de tarefa para encontrar seu verdadeiro caminho. Entre o estado delirante e a lucidez dilacerante de quem olha no miolo do mundo incognoscível, a criança é capturada pela potência imagética dos textos encantados. Devorados nessa pedagogia de uma psique fabulosa, crianças e adultos, são arrastados pela beleza originária do narrar (isto é, falar e escutar ao mesmo tempo) e confirmam de modo singelo nossa evolução de seres feitos de sopro e luz.

Os apontamentos seriam inúmeros, as ligações infinitas, bastando nossa boa vontade e o tempo para o amadurecimento vagaroso de nosso saber sobre um tema tão instigante quanto este. A psicanálise,

em seu arsenal teórico, jamais poderia furtar-se a lidar com esse objeto que é o conto de fada. De minha parte penso que o conto ainda é maior que sua interpretação, porém tudo que é do campo teórico aí está presente. Complexo de Édipo, narcisismo, superego, pulsão, sexualidade, desejo, punição, pecado, culpa, vida, morte, origem, finitude, fecundação, ódio, vingança, salvação, redenção, sofrimento e, quem sabe, por fim, crescimento. Assim, enquanto quem fala aqui destas bandas da psicanálise, vejo a força inegável das 'estórias' contadas e de sua eficácia organizadora, mas insisto, para a psicanálise — como eu a penso -- elas são objetos em cujo interior não é dado entrar, são a descrição de nossas vidas e não conseguimos tocá-las, são a estrutura de nossa personalidade, são nosso interior vivo, e além delas não há mais nada, não há mais dentro onde se queira entrar, nem oco onde se possa morar. Elas são o que nós somos, são o nosso ser, e ponto.

Endereço para contato:

Emir Tomazelli

Rua Geórgia, 592 - Brooklin -

Cep. 04559-011 São Paulo, SP.

Fone: (011) 241-9392

NORMAS PARA APRESENTAÇÃO E APROVAÇÃO DE TRABALHOS

O Boletim Formação em Psicanálise, publicação do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae é uma publicação semestral e tem por objetivo a divulgação de trabalhos relacionados à psicanálise e campos afins na forma de artigos, leituras (comunicações, comentários ou resenhas de livros), conferências, entrevistas e cartas enviados à comissão editorial.

Os artigos e trabalhos para publicação devem ser encaminhados em quatro cópias à Comissão Editorial do Boletim Formação em Psicanálise*. A colaboração recebida será submetida à apreciação do Conselho Editorial, que decidirá sobre sua aprovação. Os originais não serão devolvidos, mesmo quando recusada sua publicação.